

## Aloísio Resende

### Bozó

**Bozó**, que o vulgo o faz de pipoca e novelo,  
De pano de cor preta e de cor encarnada,  
Que a gente se amedronta e se apavora ao vê-lo,  
Solto ali, para o mal, na paz da encruzilhada;

**Bozó**, que veio lá da escravizada Costa,  
Serve para dar vida e dar ventura, sim,  
Para prender o amor de alguém de quem se gosta  
Ou dar a quem se odeia o mais horrível fim.

**Bozó** de pinto preto e de moedas de cobre,  
De bonecas de pano, alfinetes e vela,  
Que do pobre faz rico e do rico faz pobre,  
Que faz esta querida e desprezada aquela;

**Bozó**, que a todo mundo assusta e atemoriza,  
Que surge, muita vez, à soleira das portas,  
Não raro dá-se mal quem por cima lhe pisa,  
Na sinistra mudez das negras coisas mortas.

Farofa de dendê, pano branco e charuto,  
De tudo isso se vê no macabro **bozó**,  
Que vingativo ser, perversamente astuto,  
Para danos causar, pusera ali tão só.

**Bozó** de que a gentilha à volta se aglomera,  
Alegre da surpresa, em clamorosa grita,  
Entanto, algum receio em cada qual impera  
De tocar, por gracejo, a mixórdia esquisita.

**Bozó**, que mete medo a quem por ele passa,  
Que aparece, à manhã, nas esquinas, disperso,  
É prenúncio para uns de próxima desgraça,  
Outros lhe dão, porém, sentido bem diverso.

Muita gente não crê. Mas, se a cabeça dói,  
Se o giro do negócio agora não dá certo,  
Ou, se acaso um desgosto o coração lhe rói,  
Impressionado corre ao **canzuá** mais perto.

(Aloísio Resende, p. 56-57.)